

A Violência no entorno de uma universidade do Rio de Janeiro e seus determinantes

Newvone Ferreira da Costa

Mestre em Educação, Havana. Professora adjunta da UNISUAM

Lidia Medeiros

Doutora em Sociologia pelo PPCIS – UERJ. Professora adjunta da UNISUAM

Resumo

Este artigo apresenta os resultados de um *survey* realizado entre os cursos de graduação presencial de uma universidade particular localizada na Região da Leopoldina, Bonsucesso, Rio de Janeiro, com o propósito de oferecer subsídios às autoridades que trabalham com este segmento. Idealizada no âmbito do Laboratório de Análises Sociais da UNISUAM, no qual funciona a linha de pesquisa Violência e Sistema Penitenciário, a investigação busca dar visibilidade ao problema da violência existente no entorno da universidade. O conhecimento sistematizado dá ao Serviço Social o espaço de intervenção necessário diante da correlação de forças que se impõe ao seu agir.

Palavras-Chave

Universidade, segurança pública, violência

Introdução

A violência urbana na cidade do Rio de Janeiro é um fenômeno relativamente novo, datado historicamente há poucas décadas. O medo de sofrer agressão ou ser vítima de outro crime violento não é novidade na cultura brasileira, mas tornou-se rotineiro e mais intenso nas últimas décadas, ganhando destaque na mídia, nas instituições e na vida de todos os cidadãos. Diversas “estratégias” de sobrevivência comportamental e social são utilizadas para lidar com esse fenômeno e fazer frente à violência vivenciada cotidianamente e que se espalhou pelo tecido urbano da cidade.

Para conceituar violência urbana, aqui se utiliza a definição do geógrafo Marcelo Lopes de Souza (2005), que considera violência urbana não apenas aquela praticada na cidade, mas especificamente as diversas manifestações interpessoais explícitas, as quais, além de terem lugar no ambiente urbano, apresentam uma conexão bastante forte com a *especialidade* urbana e/ou com problemas e estratégias de sobrevivência que revelam aos observadores particularidades ao se concretizarem no meio citadino. Isso ainda que tais questões não sejam exclusivamente “urbanas” (a pobreza e a criminalidade são, evidentemente, fenômenos tanto rurais quanto urbanos) e sejam alimentadas por fatores que emergem e operam em diversas escalas, da local à internacional.

Logo, a violência urbana não se refere somente à violência que tem como palco a cidade, mas sim àquela cujas diversas manifestações estão fortemente vinculadas à especialidade urbana, que remetem a problemas como o estresse e a deterioração geral da “urbanidade” ou “civildade” em uma grande cidade contemporânea. Para o referido autor, essas manifestações podem ser tomadas como “típicos exemplares da violência propriamente urbana, [como a] violência no trânsito, os quebra-quebras, os assassinatos debitáveis na conta de grupos de extermínio e os atos violentos perpetrados por quadrilhas de traficantes de drogas ou gangues de rua”, em particular nas condições da segregação residencial nas grandes cidades (SOUZA, 2005, p.52).

A globalização vem provocando profundas transformações nas relações e nas estruturas que articularam e desenvolveram a dominação política e a apropriação econômica em todo o planeta. A nova sociedade daí resultante é muito mais dinâmica e complexa, além de possuir maior rapidez em transformar-se (IANNI, 2003).

No caso brasileiro, permanecem articuladas permanentemente e congeladas no tempo certas condições estruturais da vida dos segmentos historicamente mantidos à margem da cidadania: a miséria social, por exemplo, precariamente atendida pelas políticas públicas, apesar das recentes mudanças introduzidas para minimizar a pobreza entre os segmentos de mais baixa renda. Esse fenômeno, que incide sobre a trajetória do desenvolvimento histórico do sistema de cidadania brasileira, vem mantendo intactas certas desigualdades em relação aos segmentos mais pobres da população, sinalizando para a presença de um ponto de exclusão persistente e de difícil reversão (TELLES, 2001).

Apesar dos fenômenos relativos à violência possuírem variáveis globais,

a sua manifestação é melhor visualizada na existência cotidiana dos inúmeros conflitos que têm contribuído para o esgarçamento cada vez maior do tecido social; a sensação de risco é percebida como uma forma de se viver cada vez mais efêmera e provisória (BAUMAN, 2001), associada a ideias e comportamentos que naturalizam as incivildades.

Além de se constituir como fenômeno social, segundo as recomendações da OMS (2002), a violência consiste também em um problema ligado à saúde pública, pois incide sobre a relação saúde e doença. A violência que atinge atualmente o país, expressada nos indicadores epidemiológicos e criminais, tornou-se um problema de saúde pública. Ela demonstra magnitude e intensidade sem precedentes, maiores até que as observadas em situações de guerra (SOUZA; LIMA, 2005).

No Brasil, as taxas de mortalidade por causas violentas estão entre as mais altas do continente americano. Edinilsa Ramos de Souza e Maria Luiza Lima (2005) apontam para o surgimento, no “panorama brasileiro”, de uma disseminação da violência, sobretudo através do aumento dos homicídios a partir das capitais em direção a outros municípios, regiões metropolitanas e mesmo ao interior dos estados.

Os acidentes e violências no Brasil configuram um problema de saúde pública de grande magnitude e transcendência, que tem provocado forte impacto na morbidade e na mortalidade da população (BRASIL, 2002). O medo parece estar enraizado na população das grandes metrópoles violentas, com consequências comportamentais e psicológicas diversas (SOUZA, 2009). Este se apresenta de forma múltipla e complexa e se materializa em diferentes formas: homicídios, agressões contra pessoas, acidentes de percurso; diferenciações da estrutura e segregação dos espaços urbanos; intolerâncias contra etnias/raças e homossexuais; e abusos de poder das instituições de promoção da ordem, entre outras. Manifesta-se, também, na vida doméstica e nas relações intrafamiliares contra crianças e adolescentes, mulheres, idosos e na forma autoinfligida (BRASIL, 2002). Todas essas dimensões possuem sua especificidade, assim como complexidade e singularidade. Porém, de forma geral, é possível detectar em cada uma indícios que permitem identificar um núcleo que pode ser atribuído à sua natureza universal, o qual está na origem do fenômeno e cujas imbricações podem ser identificadas como decorrentes do perfil assumido pelas relações sociais na atualidade (GENTILLI, 2011).

Por sua complexidade, a violência tem sido considerada pelos diversos autores que a estudam como fenômeno transversal aos demais acontecimentos humanos e sociais. Além dos danos físicos, lesões, traumas e mortes que incidem sobre a saúde física, a violência provoca, também, consequências na subjetividade dos indivíduos e na cultura de uma sociedade (DAY et al., 2003). Essas consequências se manifestam de várias formas, além de serem desencadeadas por diversos agentes causadores.

A polissemia do emprego do termo “violência” pode ser observada em sua aplicação a diversas formas, como na descrição de fenômenos relativos a conflitos de autoridade, lutas pelo poder, vontade de domínio e de posse do outro e de seus bens (MICHAUD, 1989). A visão mais corrente de emprego do termo, entretanto, se refere à prática de crimes e atos delin-

quentes. A frequência e generalização se assemelham a uma pandemia e, nesse sentido, poder-se-ia dizer que se trata de um fenômeno que marca a civilização atual.

Atualmente, a violência praticada no Brasil (IANNI, 2003) constitui-se, ao mesmo tempo, em causa e efeito de uma conjunção de fatores socioeconômicos, políticos e culturais que possuem conexão entre si, articulando-se e interagindo na concretização de condições de materialização de episódios violentos em diferentes regiões e áreas geográficas. Como um fenômeno derivado da interação social, a violência se materializa em diferentes graus, intensidade e tipos de danos que incidem direta ou indiretamente sobre a integridade física, moral, posses (MICHAUD, 1989), além de se manifestar também de formas simbólicas ou culturais (IANNI, 2003).

Discussões sobre violência aludem a fenômenos tão díspares como consumo de drogas e narcotráfico; disputas de dominação e controle territorial do tráfico e de milícias; interesses de madeireiras ilegais, de grandes empreendimentos agrícolas e de áreas de biopirataria; contrabando de armas e produtos e, até mesmo, relações exasperadas entre membros de uma mesma família (MICHAUD, 1989).

Utilizando como indicador de violência os dados de mortalidade, obtidos a partir do Banco de Dados do Sistema de Mortalidade no Brasil, observa-se que as principais vítimas da violência homicida estão entre os homens jovens e os adultos (WAISELFISZ, 2011). O maior número de mortes se concentra na população entre 15 a 24 anos, entretanto, pode-se verificar que as taxas de homicídio começam a crescer rapidamente a partir dos 13 anos, sendo que o maior número de vítimas de homicídio atinge o pico na idade de 20 anos. A partir desse ponto, o número de homicídios vai caindo vagarosamente (WAISELFISZ, 2011). Apesar da potência desse indicador, ele não é o único para caracterizar o fenômeno. Existem, ainda, outras formas de violência nas relações sociais, como as lesões corporais, a violência sexual, a psicológica, a de ordem financeira ou patrimonial – como roubos e furtos –, a negligência, o abandono, os insultos e as humilhações, entre outros.

Hoje, cerca de 280 mil pessoas são beneficiadas pelas Unidades de Polícia Pacificadora, que levaram à recuperação de territórios dominados pelo tráfico. Nos anos 2009 e 2010, o Instituto de Segurança Pública do estado do Rio de Janeiro (ISP) divulgou os dados preliminares dos delitos cometidos na Zona Norte. Na área estudada, zona da Leopoldina, especificamente no bairro de Bonsucesso, pode-se observar os seguintes dados, referentes ao período fevereiro a agosto de 2012 (Secretaria de Estado de Segurança Pública, 2012): ameaça (vítimas) – 537 casos; pessoas desaparecidas – 52 casos; auto de resistência – 13 casos; roubos – 1.478; furtos – 2.227; apreensão de drogas – 174 casos; armas apreendidas – 95 casos; prisões – 228; apreensão de criança/adolescente – ECA – 55 casos; recuperação de veículo – 481.

Enfim, observa-se que situações de fragilidade física e vulnerabilidades sociais têm potencializado os riscos de conflitos e a manifestação da violência de diversos tipos, inclusive a letal. Esses fatos demonstram a impor-

tância de se enfatizar a necessidade da redução das desigualdades sociais e da consagração de instrumentos legais de punição, controle, coerção e inibição por parte de governantes e da sociedade.

Como fenômeno de grande incidência e generalização na sociedade atual, a violência tem afetado também os laços de confiança entre os sujeitos nas famílias e nas relações sociais. Seus reflexos ideológicos, culturais e políticos têm transformado as relações sociais e culturais e modificado substancialmente as relações tradicionais entre os membros das famílias (GENTILLI, 2011).

A pesquisa sobre violência e os dados com ela obtidos

A pesquisa procurou contemplar como esse fenômeno vem se expressando no entorno – em um raio aproximado de dois quilômetros – do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM), com os universitários de 32 cursos de graduação da unidade de Bonsucesso.

O levantamento se deu com a coleta de dados dos cursos de graduação presencial do campus Bonsucesso, zona da Leopoldina, que perfazem um total de 303 alunos. No que se refere aos alunos, o instrumento utilizado foi um questionário estruturado aplicado pelos alunos bolsistas, estudantes do curso de Serviço Social. Considerando-se que todos os instrumentos de coleta de dados foram estruturados com questões fechadas, a pesquisa se qualifica como quantitativa, e o método, como indutivo por generalização estatística.

A opção pela pesquisa quantitativa se deve ao fato de que, em concordância com Santos Filho (2002), esta “[...] busca explicar as causas das mudanças nos fatos sociais, principalmente por meio de medidas objetivas e análise quantitativa. Seu objetivo básico é a predição, a listagem de hipóteses e a generalização” (SANTOS FILHO, 2002, p.42).

Sob a perspectiva de uma abordagem quantitativa, conforme Santo Filho (2002), é utilizada a forma de explanação denominada indutivo-estatística, por comportar natureza probabilística e a necessidade de predizer e/ou de encontrar regularidades, e representa possibilidade de articulação ao interesse na aplicação prática. Por sua vez, a generalização estatística foi escolhida porque por meio dela é viável demonstrar os resultados obtidos a partir de uma totalidade significativa, que corresponde a 2% de cada curso de graduação e com isso há uma grande probabilidade de aproximação do universo total a ser pesquisado.

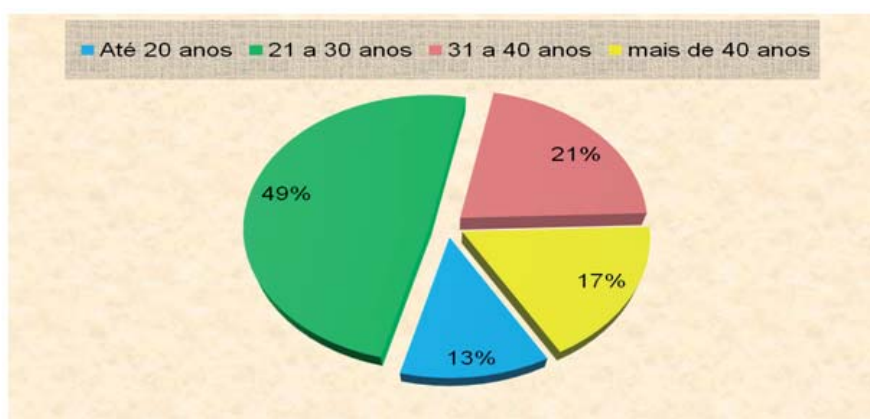
A pesquisa foi realizada com o intuito de averiguar a ocorrência de relatos de violência entre os alunos da UNISUAM. A metodologia de coleta de dados foi o survey, ou uma amostra probabilística representativa do total de alunos matriculados no primeiro semestre do ano de 2012. A aplicação do questionário, elaborado e testado pelas coordenadoras do projeto, ocorreu entre os meses de março e agosto de 2012, quando foram entrevistados 303 alunos.

Cabe informar que os dados aqui analisados não se confundem com aqueles provenientes das evidências do cotidiano, portanto, fruto do sen-

so comum. São dados empíricos oriundos de pesquisa sistemática, cujo tema deriva, segundo Prestes (2002), do “empirismo teórico, um ramo da investigação filosófica que se torna a base da metodologia científica” (PRESTES, 2002, p.17).

Dos 303 alunos entrevistados, a maioria é do sexo feminino, com idades entre 17 e mais de 40 anos. Destes, 13% tinham menos de 20 anos; 49% tinham idades entre 31 e 40 anos; e 17%, mais de 40 anos.

Idade dos Alunos



Total: 303 alunos entrevistados.

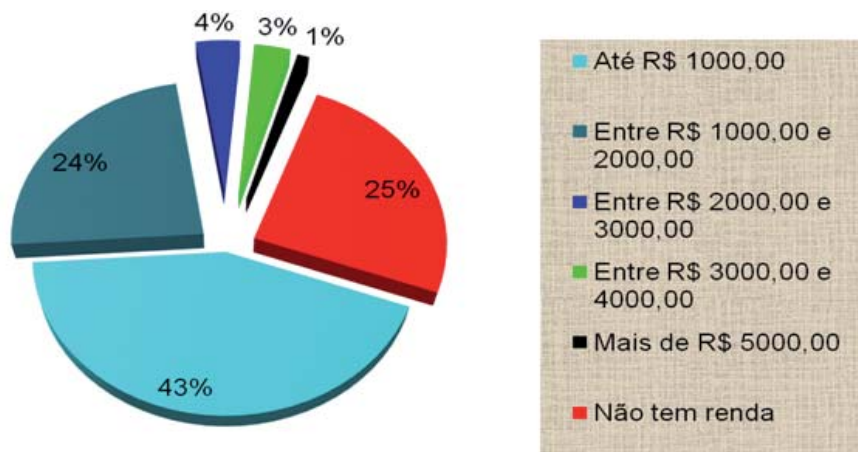
Fonte: Pesquisa “Determinantes Sociais e Ambientais da Violência no Entorno da UNISUAM”.

Quanto à renda, embora a grande maioria esteja inserida na faixa de renda mais baixa considerada (até R\$ 1 mil), o dado mais significativo diz respeito ao fato de que aqueles que se declararam sem renda representam uma parcela relativamente pequena do universo estudado (25%)¹, levando à hipótese de que provavelmente a busca por um curso superior esteja diretamente ligada uma melhoria da inserção no mercado no trabalho.

¹

Pode-se também inferir, com base no número de alunos que declararam renda inferior a R\$ 1 mil e ausência de renda, que alguns preferiram omitir dados por possuírem bolsas de estudo.

Renda Individual



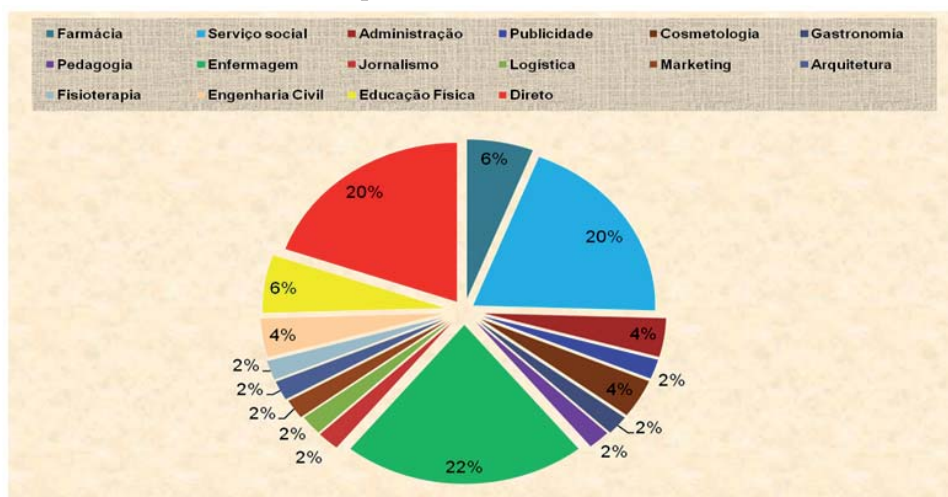
Total: 303 alunos entrevistados.

Fonte: Pesquisa “Determinantes Sociais e Ambientais da Violência no Entorno da UNISUAM”.

Deve-se notar que a localização estratégica da UNISUAM (próxima às principais vias da cidade, como Linha Vermelha, Linha Amarela, Avenida Brasil, e assistida por modalidades de transporte variadas, como trens e vans, além de inúmeras linhas de ônibus) tem garantido uma frequência bastante diversa e plural. Merece atenção a significativa assiduidade de alunos moradores de outros municípios, como Duque de Caxias e Nova Iguaçu, locais que possuem universidades.

Os cursos que mais se destacaram nos números referentes ao relato de violência foram: Direito (20%), Enfermagem² (22%) e Serviço Social (20%). Como hipótese em relação à violência sofrida no curso de Direito, as vestimentas utilizadas por estudantes dessa formação podem ser consideradas um atrativo para os meliantes. No que se refere aos cursos de Enfermagem e Serviço Social, o perfil predominantemente feminino talvez explique a porcentagem de violência sofrida.

Cursos nos quais os Alunos Sofreram Violência



Total: 303 alunos entrevistados.

Fonte: Pesquisa "Determinantes Sociais e Ambientais da Violência no Entorno da UNISUAM".

Quanto ao ato cometido, percebeu-se um número significativo de adolescentes (19%) cometendo atos infracionais, embora os adultos ainda sejam a grande maioria (60%)³. A migração de moradores de rua para o entorno de Bonsucesso vem influenciando na ocorrência de crimes. O fato de existirem muitos universitários sendo constrangidos por usuários de drogas nas proximidades da faculdade é reflexo desse desequilíbrio social.

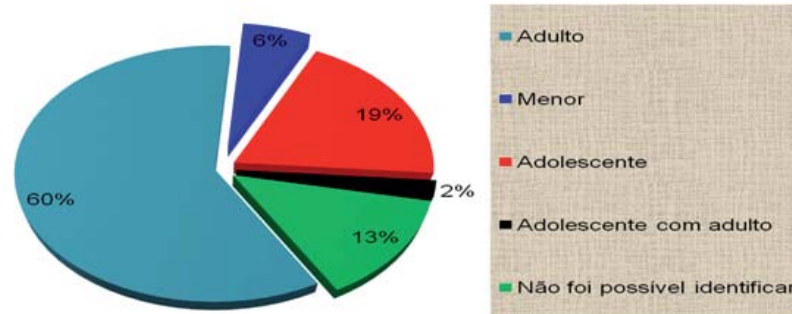
²

Relatos informais apontam que os jalecos são um alvo de preferência dos furtos realizados, sobretudo dentro da universidade.

³

A descrição do ato cometido aponta para o fato de que o adulto, em geral, estava acompanhado de um adolescente.

Cursos nos quais os Alunos Sofreram Violência



Total: 303 alunos entrevistados.

Fonte: Pesquisa "Determinantes Sociais e Ambientais da Violência no Entorno da UNISUAM".

Os dados evidenciaram um gradual crescimento da violência nos arredores da universidade entre 2005 (2%), quando os relatos tiveram início, e 2012, quando culminaram 54% das ocorrências.

A pesquisa demonstrou que a violência relatada pelos alunos surpreendentemente ocorre, sobretudo, na própria universidade⁴. O transporte utilizado nos deslocamentos residência/trabalho/universidade também se configurou como uma fonte de problemas relacionados à violência. Cada um dos locais mencionados contribuiu com 25% dos relatos de ocorrências que atingiram o aluno desacompanhado (75%). Esses alunos afirmaram ter sofrido constrangimento (de várias naturezas, por colegas ou usuários de drogas) e furto.

Considerações finais

A ciência se faz a partir de princípios causais. Ou seja, não há no mundo fenomênico qualquer coisa que não tenha por antecedente um princípio causador que lhe tenha dado origem, inclusive no que se refere aos fenômenos sociais.

A leitura e a análise de dados produzidos ou coletados no campo empírico, como qualquer leitura de contextos, possivelmente nem sempre expressarão todo o potencial do dado, visto que tais procedimentos sempre comportarão aspectos de subjetividade do pesquisador. Isso porque este, como leitor e analista, sempre realizará sua atividade tendo como suporte os aspectos econômicos em que se encontra imerso. Também contam os valores por ele percebidos como importantes, o que certamente, longe de invalidar a pesquisa, pode contribuir para que ela comporte características peculiares.

A partir dos dados e informações obtidos com as entrevistas traçou-se um panorama geral sobre a violência em torno da universidade. Pelo número de entrevistas, contudo, não é possível utilizar as informações para caracterizar toda a violência da zona da Leopoldina, bairro de Bonsucesso, da cidade do Rio de Janeiro, de modo que as informações coletadas

⁴

Fora do escopo desta pesquisa porém ilustrativo das conclusões apontadas é o caso da estudante Pâmela Belarmino, ocorrido no dia 11/10/2013. Confirmando-se a confissão do suspeito, feita em 13/10/2013, acrescenta-se às estatísticas apresentadas neste artigo um homicídio. Embora não tenha sido praticado no interior da universidade, o local foi palco das investidas e ações que culminaram no crime.

se limitam a fins analíticos em relação ao interior do universo estudado. A extrapolação deve ser feita com cuidado e rigor metodológico. Apesar disso, a riqueza das informações geradas revelou questões importantes sobre a dinâmica da vida e do cotidiano dessas pessoas em suas instituições e em suas “lutas”. Um ponto importante a ser destacado aqui é o cuidado em não estabelecer uma relação direta de causa e efeito entre a violência urbana e os impactos na saúde. É de se reconhecer que muitos outros fatores afetam a saúde e suas condições, e que nem todos que vivenciam experiências de violência serão necessariamente impactados. Logo, não apenas outras questões afetam suas rotinas, mas também outros tipos de violência: a violência institucional, estrutural, simbólica, intrafamiliar, etc. Também é de se notar que existem diversas saídas possíveis para lidar com experiências violentas.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. São Paulo: Zahar; 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Violência intrafamiliar**: orientações para prática em serviço. Série Cadernos de Atenção Básica, n. 8. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf>. Acesso em 02 set. 2010.

DAY, Vivian P. et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Rev. Psiquiatr.**, Porto Alegre, n.25, p. 9-21, abril 2003.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

FÁVERO, Eunice T. et al. **Famílias de crianças e adolescentes abrigados**: quem são, como vivem, o que pensam e o que desejam. São Paulo: Paulus, 2008.

GENTILLI, R.M.L. Percepção dos jovens de São Pedro sobre condições de vida e violência. **Relatório Final de Pesquisa**. Vitória: EMESCAM, 2011.

GOLDMANN, L. **Ciências humanas e filosofia**: o que é sociologia? São Paulo / Rio de Janeiro: Difel, 1979.

IANNI, O. Raízes da violência. In: CAMACHO, T. (Org.) **Ensaio sobre violência**. Vitória: EDUFES, 2003. p. 7-32

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso**: uma estratégia de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2006.

MICHAUD, Y. **A violência**. Ática: São Paulo, 1989.

SOUZA, Edinilsa Ramos de.; LIMA, Maria Luiza. Violência contra Idoso. In: MINAYO, Maria Cecília de S.; SOUZA, Edinilsa R. (Orgs.). **Impacto da violência na saúde dos Brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de S. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

NEV/USP. **5º Relatório nacional sobre os Direitos Humanos no Brasil**: 2001-2010. São Paulo: NEV/USP, FAPESP, 2012. Disponível em: <<http://www.usp.br/imprensa/wp-content/uploads/5%C2%BA-Relat%C3%B3rio-Nacional-sobre-os-Direitos-Humanos-no-Brasil-2001-2010.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **World report on violence and health**. Geneva: WHO, 2002. Disponível em: <<http://www.opas.org.br/cedoc/hpp/m103/0329.pdf>>. Acesso em 02 jul. 2011.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico**: do planejamento aos textos, da escola à academia. São Paulo: Respel, 2002.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático. In: SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. 4. ed. São Paulo:Cortez, 2002.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Fobópole**: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

TELLES, V.S. **Pobreza e cidadania**. São Paulo: Ed. 34, 2001.

WACQUANT, Loïc. **As Prisões da Miséria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

WEISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2011**: os jovens do Brasil. Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2011.